

## **A ODISSEIA DO VALE DE JAVÉ: O CINEMA E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

Juliana Karol de Oliveira Falcão<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
E-mail: julianakarol-16@hotmail.com

Arthur Rodrigues de Lima<sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
E-mail: arthur.rlima@hotmail.com

Patrícia Cristina de Aragão Araújo<sup>3</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
E-mail: Cristina-aragao@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

O cinema foi inventado no final do século XIX e sua invenção provocou mudanças no contexto cultural, social e político, repercutindo também nas questões em torno da educação. Sua emergência se evidenciou graças à árdua tentativa de colocar as imagens em movimentos, que foi possível, por intermédio dos irmãos Lumière e de seu cinematógrafo. Todavia, é sabido que dois meses antes da exposição dos Lumière, os irmãos Marx e Emil Skladanowsky haviam realizado uma exibição de 15 minutos no bioscópio, no Teatro de Vaudeville em Berlim, porém os irmãos franceses conseguiram evidenciar seu trabalho e fazê-lo ser reconhecido mundialmente como primogênito no ramo fílmico.

Entretanto, é de importante frisar que a emergência do cinema não ocorrerá somente por responsabilidade de um indivíduo, ou tão somente em um determinado lugar, mas por “Uma conjunção de circunstâncias técnicas [que] aconteceu quando, no

---

<sup>1</sup>Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBID/CAPES.

<sup>2</sup> Graduando do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista PIBID/CAPES.

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora de História  
E-mail: cristina-aragao21@hotmail.com



final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento” (COSTA, 2006, p. 18).

Desde sua criação até hoje o cinema vem encantando e provocando uma infinidade de emoções nas pessoas que apreciam essa arte de fazer, por meio de imagens e sons. Em meio a todas essas cores de significados os professores de diversos campos de saberes veem no cinema a possibilidade de facilitar a didática de seu ensino, trazendo novos olhares para o fazer educativo docente e propiciando aos educandos ter acesso a novas formas de conhecimento viabilizadas pelo cinema. Contudo, esse suporte de instrução esta sendo utilizado em sala de aula há pouco tempo, visto que, segundo Almeida citado por Napolitano (2008), esta proposta tem realce nos anos 80, e somente nos últimos anos que vem surgindo novas discussões que concedem ao professor, e ao estudante que esta iniciando sua carreira docente, maneiras de trabalhar a história no filme, além de todos os elementos que o compõem.

No início do século XX, as imagens passaram a ter uma consideração importante para o Ensino de História, os nomes dos historiadores franceses Charles Seignobos e Christian Delage se destacaram nessa vertente. Até então, as imagens condiziam com o levantamento da verdade, não obstante o francês Pierre Solin, historiador, pensou que todas as relações que envolviam imagens não copiavam a vida e sim, somente, iria transpor uma dada realidade para o cinema. Logo, devemos perceber que ainda não era preponderante uma discussão no sentido de uma preocupação a respeito de manifestarmos “desconfiança em relação à manipulação do material filmado”. (NAPOLITANO, 2006, p. 243).

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é discorrer como o cinema pode contribuir para o Ensino de História, através do filme, *Narradores de Javé*, tendo em vista que, o cinema é um dispositivo que seduz os discentes de todas as idades e gêneros podendo possibilitar a discussão sobre a diversidade cultural existente no Brasil e uma



relação mais íntima e mais firme entre o educando e o conteúdo abordado, já que a imagem é uma facilitadora na memorização do que é dito.

### **O CINEMA E SUA CONFIGURAÇÃO COMO FONTE HISTÓRICA**

O elo entre história e cinema vai se intensificar a partir da década de 1960, haja vista que, o campo da historiografia passou a repensar o que significava o termo “documento”. Bloch (2002) como um dos fundadores da Escola dos Annales afirmou que “onde fareja carne humana sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 2002, p. 20) isto é, seu documento histórico. Houve uma ampliação na noção de documento e de agora em diante, o cinema surgiu com destaque total. Este movimento de renovação da historiografia francesa foi denominado “Nova História”, nela foi identificado novos objetos e métodos para se pensar a história, expandindo, desse modo, o seu domínio e suas noções.

No livro *História e Memória*, o historiador Frances Jacques Le Goff (1990), vai desenvolver uma visão crítica acerca do documento histórico, acentuando que precisava haver uma investigação do documento como monumento, devia-se questioná-lo enquanto caráter de verdade, dado que “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder” (LE GOFF, 1990, p. 471), em vista disso, só a análise do documento enquanto monumento vai permitir seu uso de maneira científica.

Desse modo, Le Goff (1990) irá defender que o documento não passa de um esforço da sociedade a fim de mostrar ao futuro certa configuração de imagens de si, assim, não irá existir um documento verdade, mas sim haverá a certeza de que todo documento é mentira, no sentido de que cada um deles é uma invenção que trás uma mensagem que será repassada a um receptor. O historiador, neste contexto, se faz como um revelador, decifrador, descobridor, das montagens construídas pelas variedades de

dispositivos de comunicação e informação. Pois “mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo” (BLOCH, 2002, p.08).

Nessa perspectiva, o cinema é encarado como um produto em que podem ser investigados diversos pontos da sociedade, entre eles, a forma como enxergam o mundo, os valores éticos e morais, as ideologias, as maneiras de se comportar, de se vestir e de reagir diante das situações. Além de que, o cinema, possibilita também a transmissão de pensamentos que podem mover toda uma sociedade, seja para o bem, seja para o mal. Em virtude disso os governos e estados foram os primeiros a compreenderem a importância do cinema na manipulação das massas, basta observarmos a utilização do cinema no Brasil na década de 30, onde

grande parte das produções do período, esconde sob a aparente simplicidade de seus enredos melodramáticos, uma complexa estratégia propagandística, que sem pretender espelhar a realidade, buscou influenciar as massas para aderirem ao ideais defendidos pelo Estado Novo. (NAPOLITANO, 2002, p.242)

Os trabalhos pioneiros sobre a relação entre o cinema e a história foram realizados por Marc Ferro e Pierre Solin. Ferro (1917) começou seu trabalho com filmes russos em 1920. Já Solin se aproximou do cinema para pensar a história da França e na Itália durante a década de 1960. Ele compartilhava da mesma opinião que Ferro, defendendo que o filme era um documento digno de interrogação por parte do historiador.

### **O CINEMA E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Vivemos em um mundo em que as informações perpassam de maneira muito rápida. Nessa vida tão volúvel as imagens tomaram conta das esferas do cotidiano (NOVA, 1996). O professor, na dada realidade em que vive, deve se adequar e se preparar a fim de possuir didática que dialogue com as configurações que são entendidas pelos alunos. Tendo em vista que, “uma parcela significativa das escolas



brasileiras, públicas e privadas, carece em geral de pessoal qualificados no uso e manuseio das tecnologias áudio visuais” (NASCIMENTO, 2008).

A preparação é o primeiro passo no qual o professor ou a professora deve se alicerçar para utilizar de maneira produtiva o cinema na sala de aula. Primeiramente, o professor deve conhecer com bastante intimidade o filme que irá reproduzir para os seus alunos. Deve assisti-lo mais de uma vez e com o olhar crítico, para que questione cada pormenor que o mesmo possuir. A pesquisa sobre o filme, o diretor e o contexto em que o filme foi produzido, também, é fundamental para a realização de um bom trabalho. Após todas as informações serem levantadas, o docente deve planejar a aula, levantando neste os objetivos, os temas que serão discutidos, os critérios metodológicos e de que forma será realizada a avaliação. O próximo passo é a execução, nela o professor deve apresentar ao aluno o filme em toda a sua amplitude, isto é, sinopse, informação do diretor e os pontos para discussão. Durante a exibição o docente deve sugerir que os alunos façam anotações e não deve se ausentar da sala de aula. Por último deve ocorrer o debate frisando as impressões que o filme conseguiu causar.

As imagens dos filmes devem ser bem analisadas, visto que, elas trazem uma teia de significados que, se olhadas com desatenção, passam despercebidas. Já defendia Pierre Solin (1994) não podemos ser meros receptores daquilo que vemos sem utilizarmos de nossa capacidade crítica, pois se caso formos ingênuos nos tornaremos apenas vítimas daquilo que enxergamos. Um filme quando questionado nos propicia diversas respostas e uma variedade de leituras, por isso, e por mais o professor ocupa um papel fundamental dentro desse mecanismo de saber, ele irá direcionar, movimentar, dar vida as questões fazendo com que o aluno se sinta motivado em sua atividade de aprendizagem.

**TEIAS DESCRITIVAS: NARRADORES DE JAVÉ “O POVO AUMENTA, MAS NÃO INVENTA”.**

Narradores de Javé<sup>4</sup> é um filme de drama, com roteiro original de Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé, esta última também é responsável pela direção do filme. Sua produção foi realizada no Brasil, em 2003. Seu tecer narrativo conta a história do Vale de Javé e, conseqüentemente, de sua singela população. No enredo o Vale sofre a ameaça de ser inundado, a fim de que, seja construída, em seu lugar, uma represa hidroelétrica. Diante dessa situação a única maneira de derrotar as quimeras as quais estavam enfrentando era fundamentar com fatos científicos que Javé tinha importância histórica que necessitava de preservação. Buscando comprovar o seu valor a população decide escrever o livro que irá abordar toda a história de origem e os personagens que foram fundamentais para a instituição do vilarejo.

Todavia, o lugar era composto por um número praticamente predominante de analfabetos e somente um homem, que vivia as margens daquela sociedade, dominava a arte de escrever de maneira poética, criativa e correta, este era o ex-carteiro chamado de Antônio Biá (interpretado por José Dumont). Ele não era aceito pelas pessoas que lá viviam, porque em certa ocasião, para preservar o seu emprego de carteiro, Biá começou a produzir, por conta própria, correspondências, visto que, como a maioria da população era analfabeta o fluxo de carta era inerte. Entrementes, as cartas eram formuladas com cunho completamente calunioso, isto é, histórias verossimilhantes dos cidadãos daquele lugar sem o consentimento deles. Após ser descoberto um grande alvoroço tomou conta de todos resultando no afastamento de Biá do vilarejo e dos sujeitos que encenavam naquela conjuntura.

---

<sup>4</sup> A produção recebeu vários prêmios: no Festival Internacional de cinema de Friburgo (Suíça, 2003); o Prêmio Gilberto Freyre; no Festival de Cinema de Recife; no Festival do Rio 2003; no 30º Festival Internacional do Filme Independente de Bruxelas; no VII Festival Internacional de Cinema de Punta del Este, 2004; e no 5º Festival de Cinema des 3 Ameriques, realizado em Quebec, no Canadá, 2004.

Tendo em vista a grande ameaça de perder o lugar em que viviam, desde as gêneses de suas vidas, a população não teve outra escolha a não ser recorrer ao inventor de história Antônio Biá. Para dar início a produção do livro, o escritor começa a fazer uma investigação, por meio da oralidade dos habitantes, para captar o que é sabido sobre as primícias de Javé. Esta dinâmica não é tão fácil, pois cada pessoa irá narra uma história diferente, em razão que suas fantasias, impressões e verdades são plurais mesmo dentro de um contexto espacial tão pequeno. No fim de tudo, apesar dos inúmeros enredos Biá não escreve o livro, porque enxerga que o esforço seria em vão, ele imprime a todos como ingênuos por acreditarem que a simples produção de um livro escrito à mão iria salvar o tão amado pedaço de chão em que viviam.

No filme podemos encontrar diversos elementos que mostram a fecundação de um povo e a suas continuidades e descontinuidades ao longo do tempo, a construção de seus valores, as mais diversas e preservadas memórias, suas heranças, seus credos, e todas as vontades de verdades que fazem parte de uma sociedade. Toda essa pluralidade aparece nas histórias orais, pois cada conto narrado, apesar de conter fatos ou personagens que sempre estavam presentes nas histórias, desenvolvia-se de maneiras diferentes.

### **DISCUTINDO MEMÓRIA ATRAVÉS DE “NARRADORES DE JAVÉ”**

O filme *Narradores de Javé* admite ao professor abarcar inúmeros conteúdos referentes à disciplina de história, como as fontes históricas (o que pode ser considerado como uma e como trabalhar com ela) e as perspectivas para a história através da memória como construtora de identidades. Porém, o trabalho com a memória evidência o processo de identidade mais como de reconhecimento do que como conhecimento, pois podemos perceber em cada entrevista colhida por Antônio Biá que o entrevistado profere uma história diferente, podendo ter muitas vezes os mesmo signos, todavia não



possuem o mesmo significado. Entretanto, vale salientar que cada narração tecida pertence a um lugar de importância, este é o mesmo do depoente.

Como podemos observar nas histórias narradas durante o filme que deram origem ao Vale de Javé, na maioria, aparecem os nomes dos personagens “Maria Dina” e “Indalécio”, só que em cada enredo, ora a primeira foi a grande descobridora das terras em que repousaram suas lágrimas, fome, cansaço e esperança e outrora foi o segundo que com bravura destemida, salvou o seu bando que se encontrava errante.

Alguns nomes aparecem em comum acordo nos contos, por exemplo, “o bando”, “o pássaro”, “o cavalo”, “a guerra contra a Coroa”, “bater em retirada”, mas podemos constatar que, apesar disto, eles aparecem exercendo um roteiro diferente dependendo da boca que o profere, pois “o processo de identificação é um processo de construção de imagens e, como tal, propicio a manipulações” (FÉLIX, 2005, p.35). Portanto, rememorar é inventar e está lembrança/memória é sempre imploradora de investigação.

Essas “memórias subterrâneas” (POLLACK, 1989) se fazem presentes, criando sentimentos de pertencimentos aos espaços, e aos objetos que são elementos essenciais à memória, assim como também são fundamentais para as sociedades humanas até hoje (FÉLIX, 2004). É essa afirmativa que move o espírito de luta de todos os personagens do filme com disposição para conseguir salvar seus objetos de lembranças, cada singelo instrumento que possuem, as suas casas, as ruas na quais correram enquanto crianças caminharam enquanto adultos, e descansam seus pés durante uma noite de luar durante uma proza com o seu vizinho. Tendo em vista, que a maior desgraça que pode cair sobre uma população é a perda da sua história, pois, conseqüentemente, perde-se também a sua memória e a sua identidade. À vista disso, essa luta é de fome e é de medo.

Uma fome insaciável de lembrar-se de cada por menor que aconteceu durante as suas vidas e o medo de esquecer e de ser esquecido que alimenta a voraz batalha pelo

salvamento de Javé. Todos vivemos em uma tentativa desenfreada de se eternizar nos corações e nas lembranças das pessoas, da mesma forma, queremos eternizar os que vieram antes de nos, ou seja, os nossos familiares, por isso em cada enredo é visto, como diz o personagem Firmino (interpretado por Gero Camilo), “uma inventação para engrandecer o parentesco”.

Podemos observar claramente a defesa e engrandecimento dos antepassados, na primeira entrevista, “Indalécio” vai ser defendido pelo Senhor Vicentino Indalécio da Rocha (interpretado por Nélon Dantas) que relata o grande homem que ele havia sido, conseguindo sozinho conduzir as pessoas até as terras que eles estavam. Como o próprio nome já diz Vicentino se imprime como descendente do fundador de Javé. Em seguida, a personagem Deodora (interpretada por Luci Pereira) defende Maria Dina como heroína, visto que “Indalécio” encontrava-se ferido e muito debilitado para conduzir os errantes, ela com seu sinal de nascença também era sua descendente. E por último em uma comunidade o líder negro frisa que o descobridor daquelas terras teria sido “Indalêo” seu antepassado, porém este acreditava que estava ocupando um território na África e o Brasil não passava de uma grande aldeia lá localizada.

## CONCLUSÃO

Quando entramos em contato com o filme, “Narradores de Javé”, no primeiro momento, temos a impressão de que a história narra à exclusão social, onde poucos têm que pagar pelo o bem de muitos. Vemos, também, um ambiente de pobreza, de certa forma esquecido pelas políticas públicas brasileira, tendo em vista que, a educação básica dos cidadãos é precária. A modernidade ali não chegou, nem as ruas estão calçadas, entretanto o filme vai além dessas características. Ele abarca outro ponto que é fundamental para a existência de um sujeito: a questão de pertencimento.

Pertencer a um determinado lugar implica em manter uma história com ele, de modo consequente, possuir memórias que constroem a identidade do ser humano.

Portanto, o que o filme nos mostra é um conflito entre diversas memórias que existem e lutam por um espaço na história escrita, por uma permanência de memória. Este lugar é dado pelo ofício de historiador que se faz presente através da figura de Antônio Biá.

Julgando por essas características esse filme é bastante promissor no auxílio ao professor na explanação do conteúdo referente às fontes históricas e suas inúmeras faces, assim como faz com que os alunos consigam enxergar quase de maneira palpável o que é memória e como ela funciona. Mesmo tratando-se de um filme de drama os alunos, ou qualquer outro indivíduo que o assista, não conseguirá fugir da comicidade que esta imbricada durante a sua exibição, o que o torna mais sedutor para os alunos.

## REFERÊNCIAS

NOVA, Cristiane. **O Cinema e o conhecimento da história**. Olho da História. Salvador, v.2, n. 3, 1996.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. Contexto: 2003.

**NARRADORES DE JAVÉ**, Eliana Caffé (direção). BRASIL, Lumiere/ Vídeofilmes, 2003, 102 minutos, sonoro/colorido.

COSTA, Flávia Cesarino; [Et.al.]. Fernando Mascarello (org.). Primeiro Cinema. In: COSTA, Flávia Cesarino. **História do Cinema Mundial**. São Paulo: Papyrus, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: História e Memória. São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: A História depois do papel**. Fontes Históricas. Org. Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo. Contexto: 2006. (p. 235-289)

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar: 2002. (p.7-34)

SORLIN, Pierre. **Estudos históricos**, rio de janeiro v.7, n. 13, 1994.

FELÍX, Otelo Loiva. **História e Memória a problemática da pesquisa**. 2 ed. Passos Fundos: UPF, 2014.